

AS PRÁTICAS DOS BOLSISTAS DO PIBID NA ESCOLA PÚBLICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Marcos Junio Lira Silva (Pedagogia/UFPI/PIBID/Parnaíba)

Prof.^a Ms. Marly Macêdo (Coord. do Curso de Pedagogia/UFPI/Coord. de área do PIBID/Parnaíba)

RESUMO

O presente estudo parte das experiências vivenciadas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Ministro Reis Velloso, diante dos desafios enfrentados em escolas públicas da cidade de Parnaíba – PI. Objetivamos apresentar relatos de práticas vivenciadas pelos bolsistas do PIBID e sua contribuição na melhoria da qualidade da formação inicial dos professores e do ensino da educação básica. Metodologicamente nos fundamentamos em estudiosos como, Moreira (2011), Moran (2013), Santos (2013), Severino (2007) e dentre outros que abordam a temática em pauta. Os resultados evidenciaram que os bolsistas do PIBID têm contribuído com ações enriquecedoras desenvolvidas nas escolas que atuam, através de atividades que envolvem a participação do aluno no processo educativo. Concluímos que os alunos se sentem estimulados e participam das atividades propostas com dinamicidade, alegria e prazer.

Palavras-Chave: Educação. Aprendizagem significativa. Docente. Aluno. PIBID.

INTRODUÇÃO

Frequentemente ouvimos falar que a Educação formal não acompanha as mudanças que ocorrem na sociedade, haja vista a velocidade que essas mudanças acontecem, ao tempo em que a escola, que é o local em que se desenvolve a educação formal, ainda não está preparada, tanto em sua estrutura física como em relação aos recursos materiais e humanos que possa atender às exigências da sociedade em tempo hábil. Ainda é muito comum encontrarmos nas salas de aula práticas pedagógicas de professores fora da realidade do aluno, bem como posturas de professores ultrapassadas, que não contribuem para o desenvolvimento integral do aluno. Assim, a escola fica a desejar diante dos avanços tecnológicos de produção e do conhecimento já alcançados por alguns países, ou seja, a escola ainda não conseguiu trabalhar com o que é fundamental para uma formação de qualidade que corresponda à realidade do estudante.

Diante desse contexto e como acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID atuando no nosso futuro campo profissional, portanto envolvidos no

sistema educacional, vemos que o processo de ensino e aprendizagem, ainda ocorre de forma precária, quanto à falta de metodologias inovadoras e motivadoras para a construção de um conhecimento significativo a fim de que despertem o interesse dos alunos em aprender de forma prazerosa e obter resultados satisfatórios. Estímulos positivos são necessários para que se obtenha sucesso no ensino e na aprendizagem do aluno, pois caso contrário afeta tanto no que diz respeito à falta de estímulo oferecida por parte da escola e professor em sala de aula, como também o nível de desinteresse dos discentes em relação a sua participação nos conteúdos abordados em sala. Esse desinteresse surge muitas vezes em consequência da monotonia presente no processo de ensino aprendizagem, na qual a escola encontra-se assolada, em que o professor é mero transmissor de assuntos determinados em livros e o aluno armazenador de conhecimentos.

O PIBID que tem por objetivo principal incentivar o acadêmico das licenciaturas o gosto pela docência, bem como a melhoria da qualidade da educação básica, entende que são necessárias inovações metodológicas que contribuam no aprimoramento da prática pedagógica dos professores das escolas públicas. As atividades do PIBID são realizadas através de quatro eixos: Eixo das Ações de Monitoria, que consiste num atendimento e acompanhamento individual ou pequenos grupos de alunos com dificuldades de aprendizagem, o Eixo das Ações Prático-Pedagógico, responsável pela construção e confecção de recursos pedagógicos que contribuam para o enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem, Eixo das Ações da Gestão, que realiza atividades de planejamento, execução e avaliação juntamente com os gestores da escola e o Eixo das Ações Complementares que tem como objetivo organizar, articular e realizar eventos, palestras, oficinas, debates, minicursos a fim de enriquecer as ações realizadas no contexto escolar, envolvendo toda a comunidade acadêmica.

Metodologicamente utilizaremos de relatos de experiências dos bolsistas do PIBID sobre as atividades planejadas e desenvolvidas em um dos eixos do PIBID que é denominado de “Eixo das Ações Complementares”. Essas ações favorecem a construção de novas práticas pedagógicas a fim de desenvolver uma aprendizagem mais significativa. Nossa intenção é fazer com que o aluno se sinta parte do ambiente escolar, pois é necessária uma escola que garanta uma aprendizagem que faça sentido ao aluno, que ele viva um processo de ensino e aprendizagem associado com a sua realidade, utilizando os conhecimentos aprendidos na escola com o seu dia a dia, e entrelaçando com o seu contexto sócio-político, econômico e cultural.

Acredita-se que esse estudo tem características que podem ser associadas a uma pesquisa participante, haja vista ser os bolsistas investigadores da contribuição que esse programa oferece ao processo educativo da escola, bem como a participação ativa desses bolsistas para o próprio desenvolvimento das ações do PIBID nas escolas em parceria. Para melhor compreendermos a relação existente entre investigador e pesquisa participante evocamos Severino (2007, p. 120) que afirma que pesquisa participante:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

Observamos que esse tipo de pesquisa identifica o pesquisador como agente ativo no universo em que está inserido, a fim de que possa colaborar com ações inovadoras e significativas. Pois a pesquisa deve fazer do pesquisador e do pesquisado não só elementos que compõe o estudo, como um objeto, mas concebe o estudo, passível de mudança e levanta questões para isso, pesquisa que não só se detém nas mudanças e sim como mudá-las.

A escola como já se sabe, não é uma ilha isolada em que os conhecimentos se dão internamente entre as paredes das salas de aula, pelo contrário, o conhecimento se dar de forma recíproca, entre a escola e meio, conhecimento este que se dá e se adquire na relação com o mundo e com o sujeito e que o papel da escola é: formalizar, organizar, estruturar e sistematizar esse conhecimento informal. Infelizmente, parte dos sujeitos que dela fazem parte, no caso específico, os professores, diante das dificuldades que encontram, acomodam-se e não procuram realizar sua prática pedagógica com qualidade a fim de contribuir com um ensino de qualidade e significativo para o aluno, pois a materialização de um ensino de qualidade requer uma prática pedagógica inovadora frente à velocidade em que as mudanças estão acontecendo em nossa sociedade. Se assim não acontecerem nossos alunos ficarão sempre aquém, impossibilitados de acompanhar as inovações que contribuem para desenvolver um pensamento mais crítico e reflexivo de sua realidade. Segundo Evelyse (2011, apud, Fernandes, 2011, p. 2) “Nós ainda temos uma escola que treina o aluno para memorizar e não para pensar”.

Como bolsistas do PIBID, propomos inovações metodológicas que possam contribuir para se construir um processo de ensino e aprendizagem significativo, em que o aluno seja sujeito partícipe de sua própria aprendizagem. É necessário e urgente educadores que acreditem que a educação é fundamental e necessária para a construção de sujeitos críticos e reflexivos, portanto urge que os sujeitos que dela fazem parte entendam que a escola deve ser compreendida como um espaço sociocultural, onde todos participem das ações lá desenvolvidas. Diante disso, as práticas pedagógicas dos docentes devem ser inovadoras, tendo a pesquisa como ponto de partida para novas construções do saber.

A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO

A função formadora da escola nunca foi tão questionada nos dias atuais. Indagações que põe em dúvida, que indivíduos estão querendo formar nas escolas hoje? E que ensino está sendo oferecido? E que aprendizagem está querendo alcançar? A maioria das instituições educacionais apresenta um distanciamento significativo do que é vivenciado em sala de aula pelo aluno e de sua realidade.

A escola precisa re-aprender a ser uma organização efetivamente significativa, inovadora, empreendedora. A escola é previsível demais, burocrática demais, pouco estimulante para os bons professores e alunos. Não há receitas fáceis, nem medidas simples. Mas essa escola está envelhecida nos seus métodos, procedimentos e currículos. A maioria das escolas e universidades se distanciam velozmente da sociedade, das demandas atuais. Sobrevivem porque são espaços obrigatórios e legitimados pelo Estado. [...]. (MORAN, 2008, p. 1).

Partindo da premissa que a escola ignora dois pontos fundamentais na vida escolar do aluno: o potencial revelador do conteúdo e a capacidade do aluno de fazer a relação do material estudado de forma consistente, garante o fracasso escolar deste aluno, surge aí o “X” da questão, que faz com que um aluno passe de uma série a outra sem saber o suficiente de Matemática, Português, Geografia e História e tantas outras disciplinas e chegam até a universidade com déficit nos conhecimentos necessários para ingressar no ensino superior.

[...] Hoje milhões de alunos passam de um ano para o outro sem pesquisar, sem gostar de ler, sem situações significativas vividas. Não guardam nada de interessante do que fizeram a maior parte do tempo. Há uma sensação de inutilidade em muitos conteúdos aprendidos só para livrar-se de tarefas obrigatórias. [...] (MORAN, 2008, p. 2).

Assim sendo, faz com que o aluno se torne um espectador dos conteúdos apresentados pelo professor. Precisamos de uma escola preocupada com o aluno, em que ele é também o protagonista no seu processo de ensino e aprendizagem. Precisamos de educadores que sejam mediadores e não meros informantes.

Santos (2012, p. 1) afirma que o professor deve:

Ensinar a pescar ao invés de entregar o peixe. Fazer do caminho, e não da chegada, a razão da jornada. Aprender com os erros. Todas essas máximas, são embaadoras de uma nova postura diante do mundo, são, também, o ponto de partida da promoção de uma aprendizagem significativa.

Salientamos então, que vivemos num momento em que a ciência coloca a prova tudo e todos, em que o conhecimento se transforma a cada segundo, coisas que nesse instante acreditamos que seja o verdadeiro, teóricos, estudiosos e pesquisadores, já apontam novas explicações e levantam outros questionamentos. Já superamos o tempo em que, o que o aluno sabia não era levado em conta, já ultrapassamos as inverdades do indivíduo concebido como uma “tábula rasa”, ou seja, não tinha aprendizados e conhecimentos. Com as mudanças ocorridas na sociedade, principalmente com o avanço tecnológico que expandiu as formas de comunicação devemos entender que a maioria dos alunos das nossas escolas é até mais sabedores e bem informados do que a própria escola. “A evolução da humanidade depende diretamente da evolução de como vemos e compreendemos o mundo e essa visão é essencialmente determinada pela maneira pela qual aprendemos a aprender o mundo” (SANTOS, 2012, p. 1).

Podemos observar que parte dos alunos obtém informações através de outros meios como internet, televisão, rádio dentre outros, portanto, não é mais só na escola que o aluno adquire conhecimentos, entretanto entendemos que é na escola que o aluno deve construir um conhecimento sistematizado, portanto científico que dar oportunidade ao aluno de transformar os saberes que eles já têm em conhecimentos mais elaborados. Diante disso, cabe à escola formar o aluno a partir dos saberes que eles já trazem e adquirem ao longo do tempo. Somente assim, os alunos sairão de suas posições de meros coadjuvantes na escola e passarão a exercer o papel principal, protagonistas na construção do seu saber, tendo em vista que, irão interagir dentro do ambiente escolar em busca de sua autonomia, conseqüentemente de sujeitos pensantes, críticos, portanto transformadores da sua realidade e da sociedade.

Mas para que haja essa integração, e o aluno possa pensar dessa maneira, o professor deve ter uma prática pedagógica crítica e reflexiva, se apropriando da pesquisa, a fim de

contribuir para a formação de um aluno também crítico e reflexivo, ou seja, um educador mediador do processo de ensinar e aprender. Compete ao professor atualizar-se, através de leituras, eventos educativos, dentre outros a fim de contribuir na formação do aluno, tornando-se um elo entre o que o aluno já sabe e o que ele virá a adquirir de novos conhecimentos. Diante dessa responsabilidade do professor surgem questões que fazem parte da realidade da profissão docente: será que depois das lutas cotidianas do professor, na maioria das vezes que trabalha nos turnos manhã, tarde, noite e finais de semana, ainda há fôlego para ir à busca de novas ações voltadas para sua qualificação? Onde fica a vontade de planejar algo novo e criativo para seu alunado, diante do estresse ocasionado pelo excesso do trabalho?

A realidade vivenciada dentro das escolas pelos professores como, salas superlotadas, baixos salários, são fatores que contribuem para que o docente tenda a conformar-se com sua condição, gerando insatisfação e desmotivação pela sua qualificação e aprimoramento da sua profissão. Entretanto, diante de todas essas controvérsias, compete ao docente investir na sua qualificação a fim de que não reproduza práticas tradicionais que, na maioria das vezes, são inócuas para a formação do aluno. Isso atribui ao professor uma responsabilidade maior de que ensinar a aprender não é transmitir conteúdos, mas é buscar, comparar, pesquisar, produzir, investigar, comunicar. Não se admitem mais seres passivos, mas indivíduos que sejam autônomos, críticos, criativos e competentes intelectual, emocionalmente e eticamente.

Diante do entendimento teórico do que seja a aprendizagem significativa ilustramos com um fato acontecido na escola que atuamos como bolsistas, especificamente, em uma sala de aula, consequências, apresentadas por algumas crianças, que vivenciam atividades realizadas sem um significado para elas. Nós, bolsista do PIBID, em uma das escolas que atuamos, pedimos que as crianças do Infantil V pintassem o cenário que caracterizava a temática de um dos projetos em execução na escola. Primeiro iniciou a atividade com uma breve roda de conversa para que as crianças pudessem compreender os elementos daquela ilustração que iriam pintar, depois pedimos às crianças que pegassem seus lápis de cor, neste momento a professora da turma não estava em sala, saiu para falar com a diretora e uma das crianças falou “tio eu não quero pintar” e outra criança também insatisfeita afirma não querer também colorir a imagem, aí questionamos o porquê “é porque a tia só faz isso, pintar e já estamos cansadas”.

A fala dessas crianças nos mostra quão repetitiva está a pintura na sala de aula, o que nos assustou, pois é uma das atividades que desperta mais prazer para as crianças de 4 e 5

anos de idade, entretanto tornou-se algo enfadonho, chato, cansativo, porque a professora preenche toda a aula com atividades de desenho e pintura. Verificamos que, além dessa professora, outras acreditam ser o momento da pintura e do desenho, o horário de descansar, e aproveitam esse momento para fazerem outras atividades, como correção de trabalhos realizados nos cadernos dentre outros, menos acompanhar o processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor de seus alunos. Educadores como estes não se preocupam em dar sentido a um ensino que se mantém aprisionado em metodologias repetitivas e de memorização. Verificamos também que a maioria das crianças Educação Infantil ou do primeiro ano do Ensino Fundamental sabem contar 1 até 10, de forma mecânica, pois não têm a ideia de quantidade, ou seja, o que o número 10 representa.

Esta realidade inicia desde a Educação Infantil, dando continuidade no Ensino Fundamental perdurando nos níveis de ensino posteriores, chegando até ao ensino superior, quando conseguem galgar esse nível. Diante disso nos deparamos com situações apresentadas por Bernardo (2013, p. 92) através de exemplos coletados nas falas de alunos que continuam na escola, mas não veem sentido que associem com a sua realidade, vejamos esse relato do autor: “João admite que, até a 4ª série, ainda gostava das professoras, mas da 5ª em diante, não conseguiu aprender mais nada.” Esse é um processo difícil de reverter em que o aluno passa de um ano para o outro sem aprender nada. Uma pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP, levantamento feito pela Fundação Victor Civita (FVC) intitulada, “O que pensam os jovens de Baixa Renda sobre a Escola”, pesquisa coordenada pelo economista Haroldo da Gama Torres, que ouviu jovens entre 15 e 19 anos de Recife e São Paulo, traz a tona discursos como estes: “Nunca vou entender Matemática, aquilo não serve pra nada”, menina de 16 anos de São Paulo, que estuda e trabalha. “Pra mim, a escola parou no tempo”, menina de 19 anos, de São Paulo, que trabalha e abandonou os estudos há dois anos, outro aluno diz: “Eu estava perdendo tempo com Química e Física”. (BERNARDO, 2013, p. 92-93).

Falas como estas de alunos das escolas públicas de Recife e São Paulo são presentes em muitos outros lugares do Brasil, nesta pesquisa um dos dados colhidos e que nos faz pensar mais uma vez no que está sendo ensinado nas escolas brasileiras é o fato de que estes alunos entrevistados tem dificuldade em atribuir sentido ao conteúdo ministrado nas escolas. Esses depoimentos, considerados alarmantes, nos faz refletirmos que o indivíduo que passa no mínimo doze anos de sua vida em uma escola que não procura associar os conteúdos que são

trabalhados com a realidade do aluno contribui para reproduzir interesses da sociedade, representada por grupos que detêm o poder.

Diante desse contexto, nós bolsistas do PIBID do curso de Pedagogia da UFPI de Parnaíba – PI entendemos que para haver resultados favoráveis no processo educativo da escola, necessário se faz que, os conteúdos trabalhados na escola tem que ser associados com a realidade dos alunos para que esses encontrem um significado que corresponda às suas necessidades e interesses, isso acontece através de uma aprendizagem significativa. “É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos [...]” (MOREIRA, 2011, p. 14). Significa dizer que aprender significativamente é ampliar as ideias já existentes na estrutura mental do indivíduo sobre determinado conceito, para que seja capaz de relacionar e acessar com os conteúdos que virá a aprender.

Para melhor compreensão da aprendizagem significativa elucidamos Moreira (2011, p. 173) para explicitar os princípios dessa aprendizagem.

O primeiro desses princípios é a essência da aprendizagem significativa: o conhecimento prévio é a variável que mais influencia a aquisição, com significado, de novos conhecimentos. O segundo implica a interação social e o questionamento como elementos centrais na facilitação da aprendizagem significativa crítica: é mais importante aprender a perguntar do que aprender “respostas certas”. É igualmente importante aprender a partir de distintos materiais educativos: o livro único – o chamado livro de texto – fornece uma única visão, não estimula o questionamento e dá a “resposta certa” (MOREIRA, 2011, p. 173).

Como podemos observar a aprendizagem só tem significado se existir um entrelaçamento entre a teoria e a prática, ou seja, os conteúdos trabalhados na escola devem sempre ser associados com a realidade dos alunos para que eles possam encontrar significado no que aprendem e se tornarem sujeitos partícipes do processo de ensino e aprendizagem, e assim compreender o que aprendem fazendo associação com o seu cotidiano.

Por outro lado, contrastando com a aprendizagem significativa, Ausubel define aprendizagem mecânica como sendo a aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma relação a conteúdos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Nesse caso, o novo conhecimento é armazenado de maneira arbitrária: não há interação entre a nova informação e aquela já armazenada, dificultando, assim a retenção. A aprendizagem de pares de sílabas sem sentido é um exemplo típico de aprendizagem mecânica, porém a simples memorização de fórmulas matemáticas, leis e conceitos pode também, ser tomada como exemplo, embora se possa argumentar que algum tipo de associação ocorrerá nesse caso. (MOREIRA e MASINI, 2006, apud, MOREIRA, 2011, p. 104).

ANÁLISE DOS DADOS

Entendemos que a análise dos dados é de fundamental importância por ser o momento em que apresentamos os fatos vivenciados e experienciados pelo pesquisador que esteve em contato direto com a realidade observada. Assim, apresentaremos as atividades realizadas pelos bolsistas do PIBID no início do segundo semestre do ano de 2013 em uma das escolas conveniadas com o PIBID. Essa escola trabalha com a Educação Infantil, atendendo crianças de 4 a 5 anos. São nove (9) salas de aulas, com média de 18 alunos por sala.

Atividade 1 - Produção de uma Maquete: na segunda semana de agosto o Eixo das Ações Complementares realizou na Semana em Comemoração ao Dia de aniversário da Cidade de Parnaíba a produção de uma Maquete dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade dentre eles a Praia da Pedra do Sal. A atividade foi realizada em uma das turmas do Infantil V, com 19 crianças. Primeiramente iniciamos uma roda de conversa sobre a data Comemorativa do aniversário da Cidade de Parnaíba, em que questionávamos sobre as características climáticas da cidade e de seus pontos turísticos. Depois desta conversa passamos um vídeo do Hino da Cidade de Parnaíba com várias imagens da própria cidade. Realizamos também uma explicação sobre o que era o Hino e após a conversa fizemos questionamentos sobre a Praia da Pedra do Sal, como: se todos conheciam, o que tinha na praia, como era a praia e quem sabe o que era uma usina eólica. Depois destas perguntas passamos várias imagens da praia em estudo para que as crianças fixassem os aspectos apresentados e discutidos na atividade.

Em seguida dividimos as crianças em grupos, com suas respectivas atividades, para darmos início a produção da Maquete da Praia da Pedra do Sal. Perguntamos as crianças em quais grupos elas queriam participar, o primeiro grupo ficou responsável por fazer a pintura da areia e da água da praia; o segundo grupo ficou responsável por produzir os barcos; o terceiro grupo ficou para produzir os cata ventos da usina eólica e o quarto grupo produziu o farol da praia. A atividade se estendeu durante todo o horário de aula. As crianças se divertiam muito e faziam questão de participarem de todas as etapas até a conclusão da maquete.

Para corroborar esse fato buscamos a contribuição de Fernandes (2011, p. 2) quando afirma que:

[...] Uma boa situação de aprendizagem é aquela em que as crianças pensam sobre o conteúdo estudado. [...]. Além disso, o assunto trabalhado deve manter suas características socioculturais reais, sem se transformar em um objeto escolar vazio de significado social.

No desenvolvimento dessa atividade percebemos a diversidade de informações proporcionada aos alunos de forma criativa, que iam se transformando em conhecimentos produzidos pelos bolsistas e alunos, pois enquanto eles construíam a maquete estavam aprendendo o conteúdo sobre os pontos turísticos da sua cidade, bem como a desenvolverem sua convivência em grupo.

Atividade 2 - Confecção de um globo terrestre: na primeira semana de setembro do ano de 2013, conforme o Projeto denominado, “Preservação do Meio Ambiente”, fizemos com as crianças a produção de um globo terrestre com a finalidade de falarmos sobre a importância da preservação da água. A atividade aconteceu em uma das turmas do Infantil V, com 14 crianças. Iniciamos com uma roda de conversa, trouxemos para a sala de aula um globo terrestre para que as crianças pudessem tocar e ver de perto como era nosso planeta. Perguntamos qual era o formato do nosso planeta, todos responderam que era redondo, depois perguntamos se todas sabiam o que era aquela bola que tínhamos trazido, e foram várias as respostas, disseram que era o planeta, a terra, uma bola, um globo terrestre. Continuamos a questioná-los, mas o que é um globo? O que é essa parte azul no globo? E essa parte colorida? Dessa maneira eles puderam identificar os continentes e países à água e sua importância para nossa vida.

Após estas perguntas, distribuimos algumas revistas e figuras, para que as crianças pudessem identificar ilustrações tivessem a presença da água. Dentre as várias figuras havia o mar, o rio, a cachoeira, um poço, uma criança tomando banho, uma criança regando às folhas, as plantas, a chuva, uma criança chorando e outras figuras, sempre com o objetivo que elas identificassem que a água estava presente em tudo e que ela é muito importante e essencial para a nossa vida. As crianças puderam verificar que não só existe água na parte azul do globo, mas em tudo, nas pessoas, nas plantas. Por último dividimos a turma em duplas e distribuimos uma parte de uma bola de isopor para cada criança e tintas guache para pintarem seu próprio globo terrestre.

Nessa atividade procuramos situar os alunos em relação ao espaço em que vivemos mostrando as riquezas que o mundo nos oferece, como também os cuidados que precisamos ter para preservar o nosso ambiente a fim de termos mais qualidade de vida. Procuramos

desenvolver as atividades de forma que os alunos compreendessem o significado do que estavam aprendendo, apesar de se tratar de alunos do Infantil V, mas observamos como eles prestavam atenção e sentiam prazer de participarem das atividades. Nesse sentido, Santos (2012, p. 4), afirma que: “Toda aprendizagem só é, de fato, significativamente, caso se insira de forma ativa na realidade. Intervir no real é o fim último da aprendizagem [...]” (SANTOS, 2012, p. 4).

No decorrer das duas atividades apresentadas observamos o entusiasmo das crianças estarem participando desse processo de construção do conhecimento, o que contribui para acreditarmos que a prática pedagógica do docente deve envolver metodologias inovadoras que permita o aluno aprender fazendo e assim descobrir o significado do que está aprendendo ao tempo em que constrói no aluno sua autonomia, conseqüentemente sua capacidade de reflexão sobre tudo que faz parte do seu cotidiano. Diante desse contexto entendemos que o processo de ensino e aprendizagem deve se dar através de uma prática pedagógica acompanhada de metodologias inovadoras, ricas em significado para com o aluno, pois “aprender significativamente é ampliar e reconfigurar ideias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos”. (FERNANDES, 2011, p. 1).

Dessa maneira a prática dos alunos bolsistas do PIBID centraliza suas ações metodológicas e pedagógicas na criação de atividades que questionam e colocam a tona, dúvidas na cabeça dos alunos, “se as salas de aula do mundo todo fossem um caldeirão de dúvidas, e não de respostas prontas, haveria mais tempero para saborear os pratos do conhecimento” (CURY, 2012, p. 56). Precisamos formar sujeitos que se perguntem: para que me serve saber dos afluentes do rio Amazonas?

Muitos, como Einstein, não se adaptam ao currículo da escola. O currículo escolar é como um restaurante de um prato só. O problema é que se serve o mesmo prato todos os dias. Para todos os alunos. Transmite as matérias do mesmo jeito, sem estimular o apetite intelectual deles. (CURY, 2012, p. 56).

Outros questionamentos rodeiam também a cabeça de nossos educandos como, para que vou precisar saber aquelas fórmulas de Química? Onde vou usar e aplicar aquelas noções de física? Quase não somos estimulados a compreender os conteúdos ensinados nas escolas, bem como seu significado e sua aplicabilidade no contexto social, no qual o aluno está inserido.

Para corroborar esse fato buscamos a contribuição de Fernandes (2011, p. 2) quando afirma que:

[...] Uma boa situação de aprendizagem é aquela em que as crianças pensam sobre o conteúdo estudado. [...]. Além disso, o assunto trabalhado deve manter suas características socioculturais reais, sem se transformar em um objeto escolar vazio de significado social.

Assim sendo, cabe a todos envolvidos no processo educativo refletir sobre a sua contribuição na formação do discente a fim de proporcionar um ensino de qualidade para que os resultados da aprendizagem também sejam de qualidade e contribua para a construção de homens conscientes do seu papel na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então continuamos a nos perguntar, que caminhos nossa educação esta querendo trilhar, que escolas estão querendo construir, uma escola que nos preparem para a vida ou uma escola desconectada da vida? Às vezes parece ser a escola e a vida dois extremos, tão distantes um do outro que nunca se cruzam. Um professor que não sabe o que é Facebook, Whatsapp, ou simplesmente acessar o Google, como diz os jovens “não da pra acreditar”, alunos que não pesquisam, estão “fora de moda”. Alguns educadores precisam sair da inércia em que vivem e acreditarem que o fazer pedagógico do docente poderá dar novos rumos no processo educativo, contribuindo para diminuir ou extinguir os índices alarmantes de repetência, evasão e de má formação escolar. Devemos ter consciência de que todos os indivíduos são capazes de aprender, entretanto precisam ser mais estimulados para que desenvolvam sua autoestima, conseqüentemente, adquirir maior confiança em si, a fim de descobrirem suas potencialidades.

Diante desse contexto, os educadores devem considerar os conhecimentos que os alunos têm, pois o entrelaçamento desses conhecimentos com os que são trabalhados na escola só enriquecerá o processo educativo dando mais significado à aprendizagem do aluno. Temos ainda que considerar que vivemos um momento de mudanças constantes. Nunca fomos tão cobrados, a criar, a inovar, portanto urge mudanças nas práticas pedagógicas dos educadores, bem como em suas posturas para que favoreçam a construção de um aluno crítico e reflexivo, capaz de se relacionar com uma sociedade cheia de incertezas. Agindo dessa forma podemos contribuir na formação pessoal e profissional dos educandos, a fim de que sejam seres ativos e corresponsáveis pelo seu aprendizado. Esse pensamento converge para a proposta do PIBID que entende que dando significado ao que fazemos teremos uma educação de qualidade.

É de competência dos educadores organizar situações de ensino que proporcione reflexões contínuas em quem ensina e em quem aprende associando-as com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais presentes no cotidiano do aluno, e não um conhecimento dissociado do mundo que o circunda. Pretendemos que esse artigo contribua para despertar nos leitores, especificamente os que fazem parte da educação formal, reflexões sobre a escola, o aluno e o fazer pedagógico do docente. Questionamentos, hipóteses, indignações que são necessárias para despertar, nos que fazem a educação, a importância do compromisso assumido quanto à tarefa de educar seres críticos, reflexivos, capazes de contribuir na construção de um mundo mais humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, André. **O que pensam os jovens:** eles se mostram insatisfeitos com o modelo do Ensino Médio e os conteúdos trabalhados. Nova Escola, Ano XXVIII, nº 263, junho/julho 2013, p. 92 – 94.

CURY, Augusto. **Manual dos jovens estressados.** Rio de Janeiro: Planeta, 2012.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995, p. 229 – 257.

FERNANDES, Elisângela. **David Ausubel e a aprendizagem significativa.** Nova escola, 2011. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/imprima-essa-pagina.shtml?/>. Acesso em: 18 jan 2013.

MORAN, José Manuel. **Aprendizagem significativa.** Portal Escola conectada, 2008. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/significativa.htm/>. Acesso em: 15 jan 2013.

MOREIRA, Marcos Antônio. **Aprendizagem significativa:** a teoria e textos complementares. São Paulo: Livraria da Física, 2011.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. **O desafio de promover a aprendizagem significativa,** 2012. Disponível em: <http://cenfohistoria.files.wordpress.com/2012/02/textodesafio.pdf/>. Acesso em: 7 set 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 117 – 126.